

DA CERTEZA E DOUBLETHINK: ORWELL E WITTGENSTEIN

Desde a sua publicação há mais de cinquenta anos, *Mil Novecentos e Oitenta e Quatro*, de George Orwell, povoou os nossos léxicos e a nossa cultura popular com uma série de termos, figuras e conceitos, que vão desde “*Newspeak*” a “*paperless office*”. A apropriação das ideias de Orwell pela cultura popular tornou-se um fenómeno considerável: actualmente na Grã-Bretanha, por exemplo, há programas de televisão intitulados “*Room 101*” e “*Big Brother*”. Outro bom exemplo da apropriação de tropos orwellianos é o conceito de “*Doublethink*”. “*Doublethink*” provavelmente rivaliza com *Big Brother* e *Room 101* como o termo mais conhecido a sair de *Mil Novecentos e Oitenta e Quatro*, e a extensão da forma como tem sido adoptado ou “tomado de empréstimo” por jornalismo, sátira, e outras formas de cultura popular é impressionante. (Por exemplo, uma busca na Internet para este artigo produziu três páginas de resultados antes de se encontrar uma referência directa ao romance de Orwell. O termo tem sido amplamente utilizado para descrever uma posição política contraditória ou hipócrita em relação a praticamente qualquer questão, desde cuidados de saúde a armas de destruição maciça). A sua difusão pelo nosso mundo cultural sugere que todos estamos familiarizados com o conceito de *Doublethink*, que todos sabemos o que significa e como funciona. Mas será que é mesmo assim?

É meu objectivo, neste artigo, voltar a considerar a noção de *Doublethink* de Orwell, com referência ao pensamento posterior de Ludwig Wittgenstein. De 1949 quase até à sua morte, em 1951 – por outras palavras, durante o período que se seguiu imediatamente à primeira publicação de *Mil Novecentos e*

Oitenta e Quatro – Wittgenstein estava a trabalhar o conceito de certeza. Estes escritos, intitulados *Da Certeza*,¹ constituíram a última das suas principais obras, tal como *Mil Novecentos e Oitenta e Quatro* marcou o fim da carreira literária para Orwell. *Da Certeza* trata de problemas como o conhecimento do mundo exterior, da relação entre o conhecimento e a crença, e da importância de evitar tanto o cepticismo radical como o dogmatismo irreflectido em ambas as áreas. Estas preocupações filosóficas poderiam parecer alheias às preocupações de Orwell em *Mil Novecentos e Oitenta e Quatro*. E, na verdade, alguns dos pensamentos de Wittgenstein parecem negar explicitamente o fenómeno a que Orwell chamou “*Doublethink*”.

Podemos desconfiar dos nossos próprios sentidos, mas não na nossa própria crença.

Se houvesse um verbo que significasse “acreditar falsamente”, não teria qualquer significante da primeira pessoa no presente do indicativo...

“Eu acredito... e não é assim” seria uma contradição.²

Os leitores de *Mil Novecentos e Oitenta e Quatro* podem achar esta concepção de crença atractiva mas, à luz do *Doublethink* de Orwell, parece ingénua, na melhor das hipóteses, ou pior, pura e simplesmente errada.

Para ter uma ideia disto, aqui fica a mais famosa definição que Orwell apresenta de “*Doublethink*” em *Mil Novecentos e Oitenta e Quatro*:

His mind slid away into the labyrinthine world of Doublethink. To know and not to know, to be conscious of complete truthfulness while telling carefully-constructed lies, to hold simultaneously two opinions which cancelled out, knowing them to be contradictory and believing in both of them; to use logic against logic, to repudiate morality while laying claim to it, to believe that democracy was impossible and that the Party was the guardian of democracy; to forget whatever it was necessary to forget, then to draw it back into memory again at the moment when it was needed, and then promptly to forget it again: and above all, to apply the same process to the process itself. That was the ultimate subtlety: consciously to induce unconsciousness, and then, once again, to become unconscious of the act of hypnosis you had just performed. Even to understand the word “Doublethink” involved the use of Doublethink. (Orwell, 2000: 37-8)³

Se aceitarmos a descrição dada por Orwell deste fenómeno – e a ampla admissão da palavra “*Doublethink*” no nosso vocabulário cultural sugere que tal sucedeu – torna-se difícil aceitar a perspectiva Wittgensteiniana de crença apresentada anteriormente. Como comentou William Steinhoff no seu texto “*Doublethink and Newspeak*”, “a tendência para a mente revelar atitudes contraditórias é tão antiga quanto a própria humanidade” (1975: 160) A frase bíblica “não saiba a tua mão esquerda o que faz a direita” (Mateus, 6-3) é testemunho da antiguidade de “*Doublethink*”. Para citar um exemplo mais recente, e provavelmente mais irreverente, o presidente americano George W. Bush foi alegadamente citado como tendo afirmado: “Tenho opiniões próprias – sólidas opiniões. Mas nem sempre concordo com elas!”

¹ Doravante, *OC*.

² Doravante, *PI*.

³ As subsequentes referências são feitas à edição referida na bibliografia.

A omnipresença de *“Doublethink”* coloca em dúvida a descrição que Tzvetan Todorov faz do conceito esquizofrenia, definindo-o como “uma espécie de loucura” (*‘une sorte de folie’*) (1984: 567). É certo que ele se auto-corrige e acrescenta que *“Doublethink”* é mais como uma vacina que nos inocula contra a sanidade: põe a incoerência do nosso pensamento em harmonia com a incoerência do mundo. (1984: 567-8) Mas a questão permanece de que, para Todorov, existe uma estreita relação entre *Doublethink* e loucura. Com base nesta análise, não podemos deixar de chamar louco a Winston Smith – um louco que sabe que é louco, talvez, e que é, por conseguinte, menos louco do que os que o rodeiam, mas um louco apesar de tudo. E chamar à personagem mais sã do romance louco é adoptar a posição que O’Brien assume quando, nas câmaras de tortura do Ministério do Amor, chama a Winston um “lunático, “mentalmente perturbado” (Orwell, 2000: 261, 258).

Na prática diária de *Doublethink*, aqueles que a empregam raramente se consideram loucos. Eu, por exemplo, estou perfeitamente consciente das condições desumanas que existem em alguns matadouros, e no entanto não penso nisso quando me delicio com um bife suculento. Não estou consciente de deliberadamente me esquecer da questão nem escolho activamente não pensar nela. De forma algo conveniente, simplesmente não me ocorre na altura. Os meus amigos vegetarianos consideram isto hipocrisia; contudo, apenas será hipócrita se estiver a negar estas desumanas condições com a boca cheia de carne. (Martin, 1984: 323) Se estiver momentaneamente inconsciente delas, então estou a realizar um processo de *“Doublethink”*. Visto a esta luz, *“Doublethink”* pode ser considerado, não como uma doença mental, mas antes um mecanismo de sobrevivência, desencadeado pela mente sã para se proteger de consequências potencialmente doentias.⁴

Como muitos dos truques da mente, *Doublethink* é saudável sem ser inteiramente racional. Mike Martin, cuja análise de *Doublethink*, publicada em 1984, continua a ser a melhor reflexão sobre o tema até ao presente, defende que:

É irracional na medida em que envolve procedimentos que provavelmente não permitem chegar à verdade. No sentido anémico do “racional” como “útil” na realização de objectivos e na satisfação de desejos, [o *Doublethink*] pode ser racional caso exista vontade de se viver à margem de verdades incómodas. (1984: 331)

Martin conclui que “Winston e Julia representam os últimos vislumbres de senso comum e de compromisso com a verdade”. (1984: 328-9)⁵

Com isto em mente, é possível, na verdade, apelidar a cosmovisão de Winston Smith de defesa do senso comum. Fazê-lo é invocar um filósofo com quem, esta é minha pretensão, Winston tem

⁴ Steinhoff aponta uma questão semelhante: *“Doublethink is, finally, a method of coping with the dilemma of totalitarian nations, which demand constant loyalty in the face of inconstant policies”* (ênfase minha). (1975: 166)

⁵ Parece, contudo, demasiado generoso de Martin incluir Julia nesta descrição. Sabemos que “nos comícios e manifestações espontâneas do Partido, ela clamara a plenos pulmões pela execução das pessoas cujos nomes nunca tinha ouvido e em cujos supostos crimes não tinha a mais leve crença” (Orwell, 2000: 159), que “estava pronta a aceitar a mitologia oficial, simplesmente porque a diferença entre verdade e falsidade não lhe parecia importante” (Orwell, 2000: 160), e que “Ela não sentia o abismo abrindo-se debaixo dos seus pés quando pensava nas mentiras que se tornavam verdades” (Orwell, 2000 161). Por conseguinte, Julia acredita que Oceania sempre esteve em Guerra com Eurasia, e não consegue compreender a importância do crucial encontro de Winston com a fotografia de Jones, Aaronson e Rutherford (Orwell, 2000: 161). O seu “compromisso com a verdade” não é tão forte como o de Winston, e isto é sem dúvida a razão por que se retracta tão rapidamente no Ministério do Amor. Como diz O’Brien, “Raramente vi alguém juntar-se a nós tão prontamente... Foi uma conversão perfeita, um caso de manual” (Orwell, 2000: 271).

bastante em comum. Em artigos intitulados “*A Defence of Common Sense*” e “*Proof of an External World*”⁶, o filósofo G.E. Moore tentou arrumar precisamente o tipo de dúvidas filosóficas com que Winston Smith se debate: cepticismo sobre a realidade das coisas, e sobre a certeza do nosso conhecimento delas. (1993: 106-133, 147-170) (A posição de Moore também formou uma das principais coordenadas contra as quais Wittgenstein dirigiu *Da Certeza*. Reflectirei mais sobre esta questão abaixo.) No seu texto “*Proof of an External World*”, Moore afirmou “Posso provar agora, por exemplo, que existem duas mãos humanas. Como? Erguendo as minhas duas mãos e dizendo, ao mesmo tempo que faço um gesto com a mão direita, “Aqui está uma mão” e acrescentando, quando faço um gesto com a esquerda, “e aqui está outra.” (1993: 165-166) De igual forma, Winston responde à afirmação de O’Brien “Tu não existes” como se segue:

He knew, or he could imagine, the arguments which proved his own non-existence; but they were nonsense, they were only a play on words. Did not the statement, “You do not exist”, contain a logical absurdity?...

“I think I exist,” he said wearily. “I am conscious of my own identity. I was born, and I shall die. I have arms and legs. I occupy a particular point in space. No other solid object can occupy the same point simultaneously. ...” (Orwell, 2000: 272)

O’Brien resume a cosmovisão de Winston, não imprecisamente, deste modo:

You believe that reality is something objective, external, existing in its own right. You also believe that the nature of reality is self-evident. When you delude yourself into thinking that you see something, you assume that everyone else sees the same thing as you. (Orwell, 2000: 261)

O próprio Winston confirma isto quando afirma:

The Party told you to reject the evidence of your eyes and ears. It was their final, most essential command. ... And yet he was in the right! They were wrong and he was right. The obvious, the silly and the true had got to be defended. Truisms are true, hold on to that! The solid world exists, its laws do not change. Stones are hard, water is wet, objects unsupported fall towards the earth’s centre. (Orwell, 2000: 84)

Como Moore, portanto, Winston está a afirmar aqui que há algumas proposições – truísmos – dos quais o seu conhecimento é seguro. “*A Defence of Common Sense*” de Moore começa com uma “lista de truísmos, cada um dos quais (em minha opinião) eu sei, com certeza, serem verdadeiros”. (1993: 107) Esta lista consiste principalmente em afirmações sobre o corpo e a realidade física do mundo, semelhantes às que Winston sustenta contra O’Brien. Por conseguinte, Moore e Winston aliaram-se contra O’Brien e semelhantes na crença de que os factos físicos não dependem dos factos mentais. Ambos vêem-se como assumindo uma posição contra um sistema cujo lema, para citar Orwell, poderia ser o seguinte: “A heresia das heresias era o senso comum” (Orwell, 2000: 83-4).

Esta versão de senso comum traça um quadro filosófico no qual o nosso acesso à “coisa em si mesma” kantiana não necessita de levantar problemas sérios,⁷ no qual o nosso conhecimento da

⁶ Cf. G.E. Moore, *Selected Writings*, ed. Thomas Baldwin. London: Routledge, 1993, p. 106-133 e 147-170 respectivamente.

⁷ Cf. Moore, “*Proof of an External World*”, *passim*.

verdade pode ser certo, e no qual a verdade pode libertar-nos. Esta poderá ser uma perspectiva atractiva, e não é difícil perceber porque atrairia alguém na situação de Winston. Como diz a obra de Goldstein, “O método empírico de pensar... opõe-se aos princípios mais fundamentais de *Ingsoc*⁸.” (Orwell, 2000: 201). Rejeita uma série de dogmas relacionados: “os princípios de *Ingsoc*, *Doublethink*, a mutabilidade do passado e a negação da realidade objectiva” (Orwell, 2000: 163). Mas seria errado concluir que Winston vê um mundo em que não há necessidade de *Doublethink*. Pelo contrário, a sua cosmovisão é significativamente sustentada pela criteriosa utilização de *Doublethink*.

O próprio acto de escrever o seu diário requer uma certa dose de *Doublethink*, como Orwell se mostra consciente. Na verdade, esta é a primeira vez em que nos deparamos com o termo:

For whom, it suddenly occurred to him to wonder, was he writing this diary? For the future, for the unborn. His mind ... fetched up with a bump against the Newspeak word Doublethink. ... How could you communicate with the future? It was of its nature impossible. Either the future would resemble the present, in which case it would not listen to him: or it would be different from it, and his predicament would be meaningless. (Orwell, 2000: 9)

Contudo, Winston zelosamente suprime este paradoxo e continua a escrever, o seu optimismo tão infundado e talvez mesmo tão vazio de sentido como o do Partido é fiel.

Tomemos como outro exemplo a fotografia de Jones, Aaronson e Rutherford com que Winston se depara, testemunho da forma como o Partido forja o passado. É-nos dito que constitui uma prova única – “Uma vez apenas em toda a sua vida tivera nas suas mãos prova documental inequívoca da falsificação de um facto histórico” (Orwell, 2000: 39) – e Winston repetidamente investe o incidente com enorme significado:

this was concrete evidence; it was a fragment of the abolished past, like a fossil bone which turns up in the wrong stratum and destroys a geological theory. It was enough to blow the Party to atoms (Orwell, 2000: p. 82)

Claramente, este é de alguma forma um exagero, e envolve um pouco de desejo próprio. Isto pode ser visto contrastando-o com as reflexões de Winston sobre um incidente bastante menos significativo:

It appeared that there had even been demonstrations to thank Big Brother for raising the chocolate ration to twenty grammes a week. And only yesterday, he reflected, it had been announced that the ration was to be reduced to twenty grammes a week. Was it possible that they could swallow that, after only twenty-four hours? Yes, they swallowed it. Parsons swallowed it easily, with the stupidity of an animal. ... Syme, too – in some more complex way, involving Doublethink – Syme swallowed it. Was he, then, alone in the possession of a memory? (Orwell, 2000: 61-2)

⁸ Em *Mil Novecentos e Oitenta e Quatro*, *Ingsoc*, significando “socialismo inglês”, designa a ideologia do governo totalitário da Oceania.

Ora, se algo tão material como a dimensão diminuída de uma tablete de chocolate no período de vinte e quatro horas não consegue induzir dúvidas nas mentes do Partido Exterior, dificilmente se concebe que a memória de três traidores mortos há mais de uma década o fizessem, quanto mais “reventar o Partido em átomos”. Este super-optimismo em face da evidência mais dura mais uma vez roça *Doublethink*.

Mas a questão vai mais longe do que isto. A própria avaliação de Winston do significado da fotografia envolve uma utilização crucial de *Doublethink*. Diz ele: “Havia apenas uma conclusão possível: as confissões eram mentiras.” (Orwell, 2000: 81). Contudo, esta não é a única conclusão possível, como alguém que trabalha no Departamento de Registos do Ministério da Verdade deveria saber. A existência de uma fotografia em *Mil Novecentos e Oitenta e Quatro* não é a existência de um alibi, e uma peça no *Times* mostrando Jones, Aaronson e Rutherford numa função do Partido em Nova Iorque é da mesma forma tão improvavelmente verdade como uma versão dizendo que eles se encontravam na Sibéria traíndo o seu país a poderes estrangeiros. Winston sabe isto. Reflecte mesmo:

But today, supposing that it could somehow be resurrected from its ashes, the photograph might not even be evidence. Already, at the time when he had made his discovery, Oceania was no longer at war with Eurasia, and it must have been to the agents of Eastasia that the three dead men had betrayed their country. ... Very likely the confessions had been re-written and re-written until the original facts and dates no longer had the smallest significance. (Orwell, 2000: 82-3)

Winston está igualmente consciente das “enormes gráficas com... os seus estúdios elaboradamente equipados para a falsificação de fotografias” (Orwell, 2000: 45). Mas suprime este conhecimento e insiste no significado da fotografia tanto para Julia como para O’Brien. Em momento algum Winston reconhece a possibilidade da qual não pode deixar de estar consciente: que não há forma de saber com certeza que os três homens alguma vez estiveram em Nova Iorque, e que a fotografia, que ele insiste em todo o romance constituir “prova concreta, inquestionável de um acto de falsificação” (Orwell, 2000: 78) não é na verdade nada disso. Tal selectividade, tal supressão do óbvio, é um acto característico de *Doublethink*. O apuro de Winston faz lembrar uma figura descrita por Wittgenstein no seu *Investigações Filosóficas*. “Como se alguém comprasse vários exemplares do jornal matutino para se assegurar de que o que diz é verdade.” (PI, §265)

Não é minha intenção aqui destruir a cosmovisão de Winston Smith apontando as suas inconsistências. Pelo contrário, acho que estes momentos demonstram que a sua posição aparentemente sensata é na verdade muito menos simples, directa e manifesta do que Orwell gostaria que acreditássemos, e por conseguinte muito mais interessante do ponto de vista filosófico. É com isto em mente que gostaria de voltar agora ao pensamento de Ludwig Wittgenstein.

Da Certeza explora a diferença entre a certeza *objectiva* de “eu sei”, e a certeza *subjectiva* de “eu acredito” (ver, por exemplo, OC, §179). Em circunstâncias normais, diz Wittgenstein, “Acredito naquilo que sei” (OC, §177). Contudo, seria errado vermos a certeza do conhecimento objectivo como completamente livre das contingências da crença. Segundo Wittgenstein, a certeza procede inicialmente, não da objectividade da realidade, mas da ausência de dúvida, porque a certeza é

anterior à dúvida, e na verdade a dúvida pressupõe a certeza. Quando ensinamos às crianças “Aqui está uma mão”, ou, para usar um dos truismos favoritos de Winston Smith, “dois mais dois é igual a quatro”, não faz sentido para as crianças questionarem este conhecimento: aprendem-no com certeza, senão não conseguiriam aprender muitas coisas.⁹ Como afirma Wittgenstein, “A criança aprende acreditando no adulto. A dúvida surge depois da crença.” (OC, §160). E conclui: “Comportamento de dúvida e de não-dúvida. Só existe o primeiro se existir o segundo.” (OC, §354).

É porque a dúvida não pode existir sem certeza que Wittgenstein defende a impossibilidade de um cepticismo sem limites: “Se tentássemos duvidar de tudo não iríamos mais além de duvidarmos de nada. O jogo de duvidar de si mesmo pressupõe certeza.” (OC, §115); “Uma dúvida que duvidasse de tudo não seria uma dúvida.” (OC, §450); “Duvidar tem um fim.” (PI, p. 180); “Uma dúvida sem fim nem sequer é uma dúvida.” (OC, §625).¹⁰ A filosofia de Wittgenstein pode parecer bastante afastada do fenómeno de *Doublethink*, mas na verdade julgo que as suas percepções são cruciais para uma análise eficaz deste fenómeno.

No mundo perturbado de *Doublethink* que Orwell descreve em *Mil Novecentos e Oitenta e Quatro*, muitas vezes parece que certeza sobre qualquer coisa se tornou impossível, e que tudo está aberto à dúvida. Na verdade, eu defendo que a certeza é mais fundamental ao *Doublethink* do que a dúvida, e que *Doublethink* em *Mil Novecentos e Oitenta e Quatro* surge frequentemente porque as certezas das personagens chocam com coisas das quais seria muito mais lógico duvidar. Seria bastante lógico, por exemplo, duvidar se a nossa ração de chocolate tinha efectivamente aumentado, ou talvez ilógico não o fazer quando nos é entregue uma dose mais pequena de chocolate, mas quando se pesa isso contra a certeza absoluta de que o Partido está sempre certo, podemos compreender que esta última crença seja fonte de *Doublethink*.

Em alguns aspectos, as cosmovisões divergentes de Winston e O’Brien são semelhantes, em termos de estrutura. Winston está preparado para isentar de dúvida um pequeno conjunto de proposições – proposições sobre a realidade do passado, a natureza objectiva da realidade, a fisicalidade do mundo, e assim por diante – e para acreditar nelas com absoluta certeza. Tudo o que desafia a sua crença nestas coisas, Winston trata como propaganda, mentiras e falsificações, por parte dos seus inimigos políticos. E isto apesar do facto de que é sua tarefa fazer propaganda sobre o passado, mentir sobre a realidade contemporânea, e forjar factos sobre o mundo físico. O’Brien também está preparado para isentar de dúvida um pequeno conjunto de proposições – basicamente, tudo o que seja afirmado pelo Partido Interior – e para acreditar nelas com certeza absoluta. Tudo o que desafie a sua crença nestas coisas, trata como maquinações dos seguidores de Goldstein ou agentes de poderes estrangeiros. E isto apesar do facto de que, como membro do Partido Interior, sabe muito bem que o Partido é falível, e que o Livro de Goldstein é uma invenção do próprio Partido.

Em ambos os casos, por conseguinte, *Doublethink* acontece porque o conhecimento da verdade de cada personagem choca com a certeza da sua crença. A razão por que Winston se mostra tão sensível à exigência oficial de *Doublethink* é que ele não acredita com certeza na regra do Partido ou nos princípios de *Ingsoc*. É porque ele não acredita que “Guerra é Paz, Liberdade é Escravidão,

⁹ “Pois como pode uma criança duvidar imediatamente do que lhe é ensinado? Isso poderia apenas querer dizer que era incapaz de aprender certos jogos de linguísticos.” (OC, §283).

¹⁰ Contra estas citações, contudo, cf. também *Remarks on Frazer’s Golden Bough*, de Wittgenstein, p. 1: “Necessito de mergulhar uma e outra vez nas águas da dúvida”.

Ignorância é Força” que reconhece as contradições que lhes estão subjacentes. O que significa que isto não é efectivamente uma forma de *Doublethink*, uma vez que, segundo Orwell, *Doublethink* envolve tornar-se totalmente inconsciente de tais contradições. Ora Winston na verdade torna-se alheio às contradições na sua crença no passado, precisamente devido à sua crença certa na realidade objectiva deste. Sem certeza, por conseguinte, *Doublethink* dissolve-se no conceito, mais fácil de compreender, de cepticismo.

Comecei citando alguns aspectos do pensamento de Wittgenstein sobre crença que pareciam deixar muito pouco espaço para o fenómeno de *Doublethink*; no entanto, deverá ser notório a esta altura que, noutros aspectos, uma compreensão Wittgensteiniana de crença, conhecimento e certeza constitui uma boa posição para o analisar. Com efeito, embora isto seja sem dúvida tema para uma discussão mais alargada num artigo mais ambicioso, defenderia, contudo, que tanto Wittgenstein como Orwell exploram a relação entre verdade e conhecimento, certeza e crença como ligada à relação entre verdade e linguagem, comportamento e prática social. Estas são áreas significativas, e nestes conceitos Orwell e Wittgenstein mostram estar em concordância.

Por exemplo, Winston Smith é um grande crente na certeza matemática, repentindo frequentemente que dois mais dois é igual a quatro. Na verdade, Winston sabe que o único acto de revolta significativo que pode legar ao futuro é “[passar] a doutrina secreta de que dois mais dois são quatro” (Orwell, 2000: 230). No entanto, Winston sabe que mesmo a lógica matemática não se encontra fora do alcance do Partido: “No final, o Partido acabaria por anunciar que dois e dois são cinco, e teríamos de acreditar nisso”, comenta, profetizando o que lhe sucederá sob tortura no Ministério do Amor. “Era inevitável que mais tarde ou mais cedo eles fizessem essa afirmação: a lógica da posição assim o exigia. ... E o que era terrível não era que o matassem por pensar de outra maneira, mas que pudessem estar correctos. Porque, afinal de contas, como sabemos que dois e dois são quatro?” (Orwell, 2000: 83-4).

De igual forma, Wittgenstein frequentemente discute a certeza matemática em trabalhos como *Da Certeza*, *Investigações Filosóficas* e *Anotações sobre os Fundamentos da Matemática*. Contudo, apesar da importância deste conceito para a sua filosofia, damos por Wittgenstein a pensar segundo a linha de Winston Smith:

“But mathematical truth is independent of whether human beings know it or not!” – Certainly, the propositions “Human beings believe that twice two is four” and “Twice two is four” do not mean the same. The latter is a mathematical proposition; the other, if it makes sense at all, may perhaps mean: human beings have arrived at the mathematical proposition. The two propositions have entirely different uses. – But what would this mean: “Even though everybody believed that twice two was five it would still be four”? – For what would it be like for everybody to believe that? (PI, p. 226)

As questões de Wittgenstein dão voz essencialmente às mesmas preocupações manifestadas por Winston.

À laia de conclusão, então, consideremos este último par de citações. No seu diário, Winston escreve “Liberdade é a liberdade de dizer que dois e dois são quatro. Se isto for concedido, tudo o mais se segue.” (Orwell, 2000: p. 84). Wittgenstein começa *Da Certeza* dizendo, *pace* Moore, “Se efectivamente soubermos que aqui está uma mão, concederemos tudo o resto” (*OC*, §1). Tanto

Orwell como Wittgenstein dedicaram os seus textos à exploração, nas respectivas formas diferentes de o fazer, àquela que eu considero ser a parte mais espinhosa destas citações – não a afirmação de que “dois e dois são quatro” ou de que “aqui está uma mão”, mas as cruciais consequências do “se”.

Tradução de *Isabel Canhoto*

Bibliografia

- Martin, M.W., (1984) “Demystifying *Doublethink*: Self-Deception, Truth, and Freedom in *1984*” de Mike W. Martin, *Social Theory and Practice*, Vol. 10, No. 3, pp. 319-331.
- G.E. Moore, G.E., (2003) *Selected Writings*, Thomas Baldwin (org.), Routledge, London, pp. 106-133 e 147-170.
- Orwell, G., (2000) *Nineteen Eighty-Four*, Penguin, London.
- Steinhoff, W., (1975) “Doublethink and Newspeak”, in *The Road to 1984*, Weidenfeld and Nicolson, London, pp. 160-169.
- Tzvetan Todorov, T., (1984) “Dialogisme et Schizophrenie”, in Benjamin A. Stolz, I.R. Titunik, and Lubomir Dolezel (org.) “Language and Literary Theory: In Honour of Ladislav Matejka,” *Papers in Slavic Philology*, Vol. 5, 1984, pp. 565-575.
- Wittgenstein, L., (1993) *Remarks on Frazer’s Golden Bough*, Rush Rhees (org.), trad. A.C. Miles, Brynmill Press, Harleston, Norfolk.
- Wittgenstein, L., (1969) *On Certainty*, G.E.M. Anscombe and G.H. von Wright (org.), trad. Denis Paul and G.E.M. Anscombe, Blackwell, Oxford.
- Wittgenstein, L., (1958) *Philosophical Investigations*, trad. G.E.M. Anscombe, Blackwell, Oxford, p. 190-191.

